

FAMÍLIA DE BLINDADOS MÉDIA SOBRE RODAS A ÚLTIMA CHANCE DE SE VOLTAR A PRODUZIR UM BLINDADO NACIONAL EM ESCALA INDUSTRIAL



Expedito Carlos Stephani Bastos
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora
defesa@ufjf.edu.br

O desenvolvimento e de certa forma, uma consolidação do país na produção de blindados sobre rodas em escala industrial, foi conseguida em um curto espaço de tempo, graças a um grupo atuante e dedicado, que acreditava no desenvolvimento através da parceria **Exército/Empresas privadas**, na segunda metade dos anos 60, que perdurou até os 90, onde se desenvolveu não só veículos de rodas como também de lagartas.

Hoje estamos repotenciando e dando uma sobrevida, com sucesso, aos blindados sobre rodas 6x6 Urutu e Cascavel, símbolos de nossa capacidade criadora numa área tão disputada no mundo.

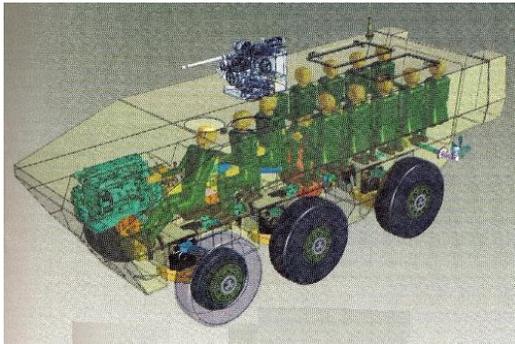
Ficou demonstrada a grande interatividade entre a **indústria nacional, multinacionais** e o **Exército**, na época, transformando o país num produtor de Material de Defesa, para seu uso e exportação, desenvolvendo tecnologias que na maior parte não podia ser comprada, pela simples razão de que quem as detêm não ensinam a dominar seu ciclo de produção, criando a terrível dependência.

Diversas etapas do ciclo de: **projeto, desenvolvimento e produção** foram **exercitadas e entendidas**. No momento em que toda a cadeia de desenvolvimento e produção entrou em crise os governantes não cuidaram em preservá-la, como fator essencial para o domínio da tecnologia na área de defesa.

Hoje precisamos substituir aqueles veículos que estão chegando ao final de sua vida útil e com algumas limitações de uso, visto que foram produzidos nos anos 70 e 80 e muita coisa mudou de lá para cá, principalmente na área automotiva e nas novas munições perfurantes de hiper velocidade.

Na **LAAD 2007 o Exército Brasileiro**, através do **DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – DCT**, apresentou finalmente, após alguns anos de estudos realizados pelo **CENTRO TECNOLÓGICO DO EXÉRCITO - CTEX**, informações sobre o **Estudo Conceitual** para a **Nova Família de Blindados Média de Rodas – VBTP-MR**, dentro dos requisitos criados e desenvolvidos por seus

engenheiros que chegaram à conclusão sobre a necessidade do que deverá incorporar os novos blindados 6x6 e um possível 8x8 que deverá ser produzido localmente, por uma empresa brasileira em parceria com outras estrangeiras ou nacionais, conforme cronograma que deverá ter um vencedor no próximo dia 12 de junho, quando uma das cinco empresas selecionadas apresentar suas propostas financeiras e aí então todos os estudos do Exército passarão a integrar o futuro veículo blindado a ser produzido.



Desenho do Estudo Conceitual para a nova VBTP-MR, também chamada de URUTU III e maquete exibida no stand do CTEEx. (Fotos: autor)

Suas características técnicas serão:

- Desenvolver elevadas velocidades em estradas e em terreno variado;
- Desenho compacto ideal para melhor desempenho em áreas urbanas e estreitas;
- Simplicidade, robustez e alto índice de nacionalização, algo em torno de 60%;
- Ter trem de rolamento 6x6;
- Transportabilidade aérea em avião C-130;
- Baixa silhueta, baixa assinatura térmica e radar;
- Proteção contra minas anticarro;
- Baixa pressão sobre o solo e alta mobilidade através do campo;
- Capacidade anfíbia sem preparação;
- Alta confiabilidade, facilitando as atividades de logística e manutenção, garantindo baixo custo durante o ciclo de vida do material;
- A carroceria deverá ser monobloco de chapas soldadas, com blindagem que oferece proteção em toda a viatura à penetração de projéteis 7,62/51 AP;
- Capacidade de transportar 13 homens totalmente equipados;
- Como armamento uma torre blindada acionada eletricamente, armada com metralhadora .50 ou 7.62mm;
- O motor deverá ser um MTU ou CUMMINS, com potência mínima de 300 hp;
- A suspensão será independente, amortecedores e molas helicoidais ou hidropneumática;
- Sua transmissão será ALLISON ou ZF com seis marchas à frente uma à ré;
- As rodas e pneus serão 12.000 R20 ou 335/80R20, com anel toroidal interno, sistema run flat e controle de pressão;
- Os freios serão a disco nas quatro rodas dianteiras, com ABS, duplo circuito hidráulico, freio de estacionamento por mola em compressão nas rodas traseiras;
- A direção servo assistida hidráulicamente com direção no 1º e 2º eixos;
- O sistema elétrico de 24 volts DC, alternador 28V /100A e duas baterias 110 Ah, livre de manutenção;
- Possuirá um Sistema de Diagnose com painel digital com cristal líquido para informações de falha/operação e manutenção;
- Terá um sistema de ar condicionado, ventilação e exaustão forçada;
- Gancho para reboque padrão NATO com tomadas elétricas e pneumáticas.

DESEMPENHO:

- Velocidade máxima de 100 km/h;
- Velocidade mínima de comboio de 4 km/h;
- Autonomia de 600 km;
- Vão livre 0,40 m;
- Velocidade na água de 9 km/h;
- Ângulo de entrada de 40%;
- Ângulo de saída de 37%;
- Raio de giro de 11 metros;

DIMENSÕES:

- Comprimento de 6,300 m
- Largura de 2,600 m
- Altura de 2,290 m
- Entre-eixos 1° e 2° eixos de 1,450m
- Entre-eixos 2° e 3° eixos de 2,540m

PESO:

- Peso bruto total de 15.000kg
- Peso de carga útil de 3.000kg



Estão previstas nove versões até o momento, sendo que uma delas será 8x8, pois terá uma torre com canhão de 105mm, que poderia muito bem para testes ser usado o canhão Royal Ordnance 105mm, de baixo recuo, protótipo 001, do **TAMOYO III**, que estava para ser leiloado em São Paulo em fevereiro último.

Sem dúvida esta será a nossa última chance para que o país volte a fabricar blindados sobre rodas 6x6 e até 8x8, como foi feito em grande escala num passado não muito distante, pois capacidade criadora temos, falta agora a vontade política, recursos

orçamentários e definição de quantos serão produzidos, não podendo ficar apenas no protótipo e nos dezesseis pré-séries iniciais.

Se não der certo, voltaremos a ser meros usuários de blindados estrangeiros, também sobre rodas, criando a terrível dependência externa e uma cadeia logística cara demais para a nossa realidade e lembrando dos tempos em que projetar, construir protótipos e depois seriadamente era uma realidade brasileira.

